

**Goldstein e Sartre: considerações
acerca das emoções**

Simeão Donizeti Sass
Professor de Filosofia
Universidade Federal de Minas Gerais
UFMG¹

Resumo: O ensaio estuda a teoria das emoções do ponto de vista de Kurt Goldstein e de Jean-Paul Sartre. Em um primeiro momento, é apresentada a teoria de Goldstein, em seguida, a visão de Sartre, e em um terceiro movimento, abordamos as críticas de Goldstein ao livro de Sartre intitulado *Esboço de uma teoria das emoções* feitas no ensaio "On Emotions: considerations from organismic point of view". Ao final, o conceito de magia é discutido a partir de suas possíveis vinculações com o tema das emoções. O conceito de magia surge, na obra de Sartre, associado aos estudos de Kurt Lewin e Alain.

Palavras-chave: emoções, ansiedade, medo, magia.

**Goldstein and Sartre: considerations
about the emotions**

Abstract: The essay analyze the theory of emotions from the standpoint of Kurt Goldstein and Jean-Paul Sartre. At first, the theory of Goldstein appears, then Sartre's vision, and in a third movement, discusses the Goldstein's review to Sartre's book entitled *Outline of a Theory of emotions* made in the essay "On Emotions: considerations from organismic point of view". Finally, the concept of magic emerges from their possible links with the theme of emotion. The concept of magic arises in the work of Sartre, combined with Kurt Lewin and Alain studies.

Keywords: emotion, anxiet, fear, magic.

Introdução

As relações teóricas entre Sartre e Goldstein são pouco estudadas nos dois campos de investigação que dizem respeito aos campos da Filosofia e da Psicologia. Goldstein, nos dias atuais, é quase ignorado pelas pesquisas ligadas ao campo da Psicologia e a teoria das emoções de Sartre encontra poucos leitores e estudiosos entre seus pesquisadores. As pesquisas que tomam as emoções como foco central, hoje, são estimuladas pelos avanços nas áreas da neurociência, da biotecnologia, da neurologia, da genética, da nanotecnologia e das áreas que tentam combinar tecnologia, psicologia e biologia. É possível dizer que a abordagem analítica, isto é, atomista, encontra na genética e na biotecnologia um fértil campo para o estudo, descrição e tratamento de comportamentos ligados ao campo das emoções. A própria caracterização de doenças, a configuração de quadros nosológicos, hoje, vive a forte influência das referidas ciências.

Tal configuração não era novidade para Kurt Goldstein, desde os anos trinta do século passado ele foi um dos primeiros pensadores a ousar fazer a crítica metodológica e epistemológica da cientificidade da Psicologia e da conseqüente abordagem teórica dessa área no campo da psiquiatria. A crítica de Goldstein passava pela

diferenciação entre duas posturas antagônicas: 1) a holística e 2) a analítica ou atomista.

A holística, aquela que ele defendia, encontrava em Goethe, em Cassirer, em Husserl, em Bergson e outros teóricos as bases de uma nova fundamentação da Psicologia. A outra, a atomista, era a praticada pela medicina tradicional, pela fisiologia, pela neurologia, pela genética e até, em alguns casos, pelo behaviorismo e pela psicanálise freudiana.

A teoria de Kurt Goldstein, portanto, vislumbrava constituir os fundamentos teóricos da Psicologia em consonância com o princípio da totalidade, da unidade entre corpo e consciência, descartando o dualismo clássico que inspirava a Medicina e, por conseqüência, a Psicologia desde o surgimento do pensamento moderno e do mecanicismo que serviu de paradigma para essas áreas. O ponto de partida retomava os ganhos da primeira geração da teoria da Gestalt sem recair nas excessivas teorizações formalistas. Uma das orientações básicas era considerar o ser humano como um organismo vivo e conectado ao seu mundo ambiente, ao seu mundo vivido. Tal conexão configurava-se por uma dupla implicação entre o mundo e a vida orgânica ou organismo. Tudo o que ocorre em um polo afetaria o outro. Da mesma forma, a correlação entre corpo e consciência seguia a mesma orientação. Alterações no corpo afetariam a consciência e distúrbios mentais ou do plano da consciência afetariam o corpo.

A postura atomista, ao contrário, tentaria a explicação dos fenômenos físicos pela análise da parte afetada, sem considerar a possibilidade de que as causas poderiam ser de ordem mental ou estarem vinculadas a



uma reação do organismo total. Sua postura seria a de isolar o fenômeno, circunscrever suas partes, estabelecer a relação causal entre a dimensão fisiológica e o sintoma, verificar o possível desequilíbrio bioquímico ou biológico da parte afetada e buscar o reequilíbrio com a recomposição das substâncias deficitárias ou ausentes. Em suma, a metodologia seria de análise, dissecação, e de recomposição quantitativa das deficiências constatadas no fenômeno estudado, sem se preocupar com a totalidade do organismo ou com as consequências ou resultados colaterais de tal terapia. Para Goldstein, essa forma de compreender o ser humano e o modo como o organismo vive no mundo não atingia o ponto central da questão. Por ser atomista ou isolacionista, tal abordagem jamais conseguiria tratar adequadamente os distúrbios estudados.

Formado em medicina e especialista em neurologia, Goldstein dedicou sua vida ao estudo e tratamento de lesões cerebrais e distúrbios mentais. Ele trabalhou em hospitais alemães que tratavam de lesados oriundos da Primeira Guerra Mundial e em especial as lesões cerebrais causadas por ferimentos em combate. Durante esses anos ele constatou que as alterações físicas causadas pelas lesões no cérebro e nas demais partes do corpo alteravam o comportamento dessas pessoas e o modo como elas lidavam com o ambiente, o mundo ao seu redor. Dessa pesquisa resultou a publicação de seu mais importante livro: *Der Aufbau des Organismus* [*A estrutura do organismo*].

Não temos condições de comentar todos os aspectos da teoria desse psiquiatra nem das influências sofridas ou exercidas. Além de medicina, ele estudou também filosofia,

ficando em dúvida sobre qual área desejava dedicar seus estudos. Optando pela medicina, entretanto, nunca deixou de estudar filosofia e de usar teorias filosóficas para a compreensão de fenômenos psíquicos. Dentre os filósofos citados por Goldstein estão Kierkegaard, Husserl, Heidegger e Bergson. Tais referências encontram-se, sobretudo, nas teorizações referentes ao conceito de *ansiedade* e suas diferenças relativas ao sentimento de *medo*.

Sem adentrar nos meandros da discussão, podemos mencionar a influência do conceito de *Umwelt* em suas investigações. Tal influência o aproxima da fenomenologia sobretudo se pensarmos na importância que o conceito de *Lebenswelt* representou para o pensamento contemporâneo. Na mesma chave interpretativa fenomenológica Goldstein valoriza o conceito de consciência [*Bewusstsein*]. Tal valorização o leva a tecer importantes críticas aos defensores da psicanálise freudiana e a relação que pode ser estabelecida entre instinto, pulsão e visão determinista do comportamento humano.

Através desse breve percurso, chegamos ao ponto de contato entre a teoria de Goldstein e a fenomenologia. Sendo um entusiasta da teoria da Gestalt, ele vislumbrou a possibilidade de encontrar na fenomenologia importantes contribuições para a abordagem psiquiátrica e, em particular, para a compreensão do fenômeno da ansiedade que afetava boa parte de seus pacientes.

Ao estabelecer a distinção conceitual entre *medo* e *ansiedade*, ponto de contato com a filosofia de Kierkegaard que diferenciava os conceitos de *medo* e de *angústia* (diferenciação mantida por Sartre em sua

obra *O Ser e o nada*), Goldstein adentra o campo da teoria das emoções. É na esteira dessa investigação que ele entra em contato com o ensaio de Sartre intitulado *Esboço de uma teoria das emoções*. A leitura que Goldstein fez da obra de Sartre ocorreu décadas depois da publicação de sua principal obra, quando ele já estava morando nos Estados Unidos da América e era docente e também exercia a profissão de terapeuta. Para esclarecer o modo como se deu essa leitura e as críticas que Goldstein elaborou acerca da teoria de Sartre elaboramos o estudo que segue.

Goldstein leitor de Sartre

O título do presente estudo pode causar alguma surpresa aos leitores dos dois pensadores porque frequentemente seus nomes aparecem relacionados a pares distintos. Goldstein é citado com muita frequência por Merleau-Ponty e Sartre menciona em seu *Esboço de uma teoria das emoções* as pesquisas de Kurt Lewin. A leitura mencionada refere-se ao ensaio publicado por Goldstein, em inglês, intitulado “On Emotions: considerations from organismic point of view”, no *Journal of Psychology*, número 31, em 1951. Esse ensaio foi divulgado posteriormente na coletânea organizada por Aron Gurwitsch, denominada *Selected Papers*, publicada em 1971.

A relação entre Sartre e a denominada escola gestáltica, aparentemente restrita aos primeiros estudos do existencialista francês, exige um estudo mais aprofundado. No *Esboço* de Sartre, publicado pela primeira vez em 1939, a emoção aparece, tanto nas críticas feitas a James, Sherrington, Janet, Wallon e outros psicólogos, quanto nas apropriações dos estudos de Kurt Lewin,

como uma forma de a consciência intencionar o mundo. Sartre elogia a iniciativa de Tamara Dembo, assistente de Lewin, de situar a experiência emocional em uma perspectiva “clara e concreta”. Destacamos a palavra *concreta*. Essa perspectiva coloca a emoção no âmbito do conflito que a referida experiência envolve, sobretudo quando compreendida na relação entre seres humanos que enfrentam situações difíceis, desestimulantes. A terminologia usada por Dembo e Lewin para decifrar a emoção é a da “conduta menos adaptada”, tipificada pela “substituição” [*Ersatz*]. Mas, Sartre não se detém nesse aspecto da teoria das emoções e concebe que tais vivências explicitam-se pela seguinte expressão: “a origem da emoção é uma degradação espontânea da consciência diante do mundo”.

A tese que despertou o interesse de Goldstein, entretanto, encontra-se sintetizada na seguinte afirmação: a emoção tem um sentido, *ela significa alguma coisa para a minha vida psíquica*. Nessa tese ele identifica o sentido positivo da emoção e não somente uma vivência que deve ser descartada ou ignorada pela filosofia e, em alguns casos, até pela psiquiatria. Fazendo uso da tradução inglesa do ensaio de Sartre sobre as emoções, publicado em 1948, ele corrobora tal tese ressaltando que na experiência da emoção “vivemos em *outro mundo*” [*we live in another world*].

Goldstein, explicitar sua afirmação, estabelece: 1- que Sartre foi um dos primeiros teóricos a considerar a emoção como uma “performance significativa” e não somente uma desordem fisiológica. 2- que ele concorda com a tese sartriana de que as emoções são mobilizadas pelo homem em certas situações com propósitos definidos.



Goldstein ressalta igualmente que a posição sartriana reafirma sua teoria desenvolvida na obra *A Estrutura do organismo* quando estabelece que na emoção vivemos em outro mundo, tese que corresponderia ao pressuposto de que há relações entre atividades específicas e o mundo vivido, concreto.

A distinção entre atitude *concreta* e *abstrata* é mobilizada pelo psiquiatra alemão para caracterizar esse específico modo de relacionar-se com o mundo que é a emoção. Para ele, a emoção seria uma atitude concreta, que serviria para proteger o agente dos perigos reais ou imaginários que o atormentariam. Sartre, de forma similar, usa a distinção entre conduta *adaptada* e *não adaptada* para pensar os mesmos fenômenos. Para o filósofo francês, a emoção seria uma degradação da consciência, uma conduta não adaptada perante as dificuldades que o mundo oferece. Nos dois casos a emoção seria uma relação entre o indivíduo e seu mundo circundante. Tese que aproxima as duas teorias de algumas intuições explicitadas por Husserl, no caso a intencionalidade da consciência, e por Heidegger, com a construção do *In-der-Welt-Sein*. Os dois autores também fazem uso do conceito de *situação*, que remete aos estudos de Jaspers acerca da *existência* e da constituição da Psicopatologia Geral, embora tais usos já se distanciem dos sentidos originais dos pensadores mencionados.

Essa relação com o mundo valorizada pelos dois teóricos das emoções admite uma verdadeira transformação do mundo vivido. A emoção, para eles, cria outros mundos, como a fantasia ou a alucinação. Os dois teóricos concordam com a tese de que a emoção é uma *diminuição* das

possibilidades do indivíduo. Uma espécie de resolução de um problema inevitável pela via mais fácil e menos trabalhosa da *fuga*, da *evitação*. Para Goldstein, a emoção é uma precarização do objetivo de auto-realização que todo ser humano visa em sua vida.

Tal possibilidade criativa suscita algumas divergências entre Sartre e Goldstein, especificamente quando a emoção é pensada na teoria sartriana a partir da noção de magia. Para Sartre, a emoção instaura uma espécie de feitiço naquele que a vive. Ela seria uma forma de invenção de um “mundo mágico” regrado por leis e estruturas específicas, como as experiências do sono ou do sonho. De certa forma, a pessoa que vive a emoção aniquila a relação adaptada para tentar solucionar o problema existencial construindo um mundo imaginário, menos exigente e suscetível a soluções fantasiosas. O indivíduo emocionado aniquila-se como ser real para habitar o mundo irreal. O desmaio, por exemplo, é uma conduta típica dessa mudança de relação com o mundo (caso analisado por Sartre em *O Idiota da família*, vivido por Flaubert). De modo geral, essa “fuga para o mundo mágico” configura-se uma falta de adaptação ao mundo difícil e exigente da vida cotidiana. O desmaio seria uma espécie de morte imaginária, irreal.

É essa posição de valorização da conduta mágica que Goldstein recusa, primeiramente, na teoria sartriana. Para o psiquiatra alemão, nem toda emoção é uma fuga para o mundo mágico. Ao situar a emoção no campo da magia, Sartre teria, segundo Goldstein, direcionado toda a teoria das emoções para a via da fuga para o mundo irreal.

Segundo Goldstein, em algumas situações e casos, a emoção, a construção de um outro mundo é a única forma de a pessoa atingir certo estágio de auto-realização, não sendo, portanto, fuga do mundo real, mas a tentativa de viver nesse mundo real de uma outra maneira. É o caso, por exemplo, da vivência da *ansiedade*. Nessa vivência específica, a insegurança extrema diante de alguma situação, da precipitação *na situação catastrófica*, ocasiona a evasão do mundo dado em direção a um outro plano de existência. Esse novo mundo não precisa ser mágico, ele pode ser mais restrito, anormal, concreto (no sentido de ser limitado e estar situado em um plano distinto das atitudes abstratas). Nessa ocasião, a emoção é uma forma de a pessoa sair da situação desastrosa. É uma espécie de *ajustamento*, de *acordo* com o mundo circundante ou equilíbrio possível diante de uma catástrofe. Esse acordo, contudo, é estabelecido de modo *passivo*. A pessoa acometida pela ansiedade grave não encontra forças para adotar uma atitude ativa, corajosa, destemida, diante de uma situação catastrófica, então, ela opta pela ação mais acessível, aquela possível diante de sua fragilidade, ela vive em mundo mais limitado e fica dependente de regras e acontecimentos previsíveis, que não causem o retorno da ansiedade, é nesse sentido que o equilíbrio possível acompanha a atitude passiva. A pessoa acometida de ansiedade grave necessita de um ambiente controlado, onde a previsibilidade é a regra, ela se torna uma pessoa dependente daquele que deve criar para ela um mundo menos instável, menos perigoso, menos catastrófico. Esse ambiente precisa ser controlado para criar um ambiente que assegure à pessoa segurança existencial. Se ele ficar por conta própria, certamente entrará em choque.

Nesse caso, a ansiedade não é *propósito* da pessoa acometida por tal condição, não há a construção proposital de um outro mundo, mas a limitação do mundo vivido. Esse mundo é empobrecido. Essa seria outra discordância relativa ao discurso acerca da emoção proposto por Sartre. Na ansiedade, segundo Goldstein, o indivíduo está fragilizado demais para projetar um outro mundo, mesmo o mágico. Na vivência ansiosa a pessoa torna-se dependente de outrem, seu mundo passa a ser aquilo que o outro entrega de forma comedida. Muitos pacientes de Goldstein viveram anos em seus quartos, sendo esse ambiente praticamente o único que eles dominavam.

Para Sartre, segundo Goldstein, sua teoria das emoções serviria para a tipificação da conduta humana como propósito explícito de solucionar inadequadamente uma tarefa difícil operando a fuga para o mundo irreal ou fantasmático. Tal solução não pode satisfazer o trabalho do psiquiatra que necessita lidar com a ansiedade humana. Segundo a teoria de Goldstein, explicitada desde a publicação de sua obra magna, *A estrutura do comportamento*, nem sempre a fuga é voluntária e direcionada para a magia. Ela pode ser a busca pelo equilíbrio possível de um organismo que presente situações catastróficas e que adota uma postura de busca por proteção diante dessa situação, limitando seu mundo e reduzindo suas possibilidades. Outra diferença entre os dois teóricos é que a emoção nem sempre é voluntária, ou seja, um propósito explícito de viver a ansiedade na forma da inadequação. Ela pode significar uma regressão ao tipo de atitude concreta que justamente abole aquela que é abstrata, desconfigurando o propósito e a escolha deliberada. Essa crítica demonstra que, ao ler o referido ensaio, Goldstein considerou



a possibilidade de a teoria das emoções esboçada por Sartre em 1939 servir de ponto de partida para as suas próprias reflexões. É fato também que Sartre não fará uso da noção de magia de forma extensiva em *O Ser e o nada*. Mas, essa tese não será completamente abandonada quando surgir *O Idiota da família*, última grande obra de Sartre, publicada em 1971. Consideramos que tal crítica de Goldstein necessita de alguns esclarecimentos adicionais, sobretudo quando vislumbramos outros sentidos para o termo magia.

Sartre insere a noção de magia, de fuga para o mundo mágico, na parte do *Esboço de uma teoria das emoções* que constitui a sua formulação original. É sem dúvida curioso, para não dizer surpreendente, que um leitor de Husserl, de Bergson e de Alain, coloque no centro de sua teoria das emoções as noções de magia, de mágico, de feitiço. Tomado em sentido lato, tal noção pode parecer não muito acadêmica ou mesmo irrelevante para a reflexão psicológica e mesmo para as pretensões de Sartre de fundar a Psicologia em bases fenomenológicas. Para tentar esclarecer alguns aspectos dessa noção, temos de mencionar as reflexões de dois outros pensadores. O primeiro é Kurt Lewin, o segundo é Alain.

Se as referências aos teóricos da Gestalt feitas por Sartre são parcas e se Kurt Lewin surge no *Esboço de uma teoria das emoções* como o teórico que ofereceu contribuições realmente significativas para a Psicologia, é importante ressaltar que exatamente a noção de magia surge na psicologia de Lewin relacionada aos atos de fuga ou de evitação de situações difíceis. Tais referências conectam outra área abordada pela filosofia de Sartre, a

imaginação. Segundo Lewin, uma das condutas recorrentes de fuga ou substituição adotada por pessoas que demonstram dificuldades para a solução de problemas existenciais e que podem incorrer em possibilidades de fracasso ou de adoção de atitudes não adaptadas é a imaginação. Analisando as condutas de fantasia, imaginação, sonho, alucinação ou criação de mundos imaginários, fica evidente a tentativa de negar o mundo real e histórico da existência humana, criando assim, mundos imaginários. Desde os tempos imemoriais, o homem cria paraísos, infernos, demônios, anjos, instâncias intermediárias ou supranaturais para lidar com as dificuldades do mundo vivido, do mundo circundante. Religião, arte e filosofia revelariam componentes de ativação da capacidade imaginativa, criativa e, o mais importante, irrealizante.

Essa ideia será essencial para a filosofia de Sartre. Imaginar é irrealizar o mundo vivido, constituindo o mundo imaginário. Em Lewin, a irrealização, presente na imaginação e em outras condutas de negação, como a neurose, seria a maneira de a pessoa evitar, desviar, contornar as dificuldades postas pela vida. A invenção de um mundo fantástico como alternativa ao mundo real é essa espécie de facilitação da tarefa essencial de assegurar a existência. Uma grave crise de saúde pode suscitar a construção de um mundo imaginário. A alucinação, a invenção de forças ocultas ou imateriais tenderiam a seguir essa estratégia de evitação.

Assim, Sartre teria visto na teoria de Lewin uma importante teorização da imaginação, da criação de imagens não só como cópia ou representação de percepções, mas a possibilidade de instauração de um

verdadeiro mundo imaginário, aquele que surge como possibilidade de transformação do mundo vivido. Desse modo, a teoria das imagens e a teoria das emoções teriam em comum a atitude negativa realizada pelo ser humano.

O segundo autor que teria usado o termo magia em um sentido construtivo para a teoria das emoções seria Alain. Para o referido filósofo, segundo Sartre, a magia surge a partir da noção de *passividade*. A emoção, tal qual o feitiço, alteraria a consciência que a pessoa teria da realidade, de seu ambiente vivencial, ela seria consciência do mundo, mas uma consciência degradada. Assim como o feiticeiro pode lançar magia sobre alguém induzindo essa pessoa a pensar que está tendo alguma doença ou até predestinando-a ao sofrimento fatal, a pessoa que vivesse determinada emoção experimentaria algo semelhante. A emoção seria algo como uma alteração de sua percepção do mundo, um enfraquecimento da vontade, de adoção de condutas evasivas ou desconexas.

Mas, o mais importante e significativo para toda a teoria sartriana posterior, que até justificaria a manutenção da ideia de magia em sua ontologia e na psicanálise existencial, seria o fato de que magia significa *passividade*. O perigo experienciado em uma situação catastrófica ou vital para a sobrevivência poderia gerar atitude de desmaio (medo passivo) ou fuga desesperada (medo ativo). O desmaio seria essa atitude de fuga para a falsa morte, para a inação, para a pura passividade. Conduta adotada também por animais diante de um perigo. Assim como o desmaio, o sonho, seria essa forma de escapar das dificuldades da vida real, refugiando-se no irreal do mundo imaginário.

Diante dessas duas abordagens relativas ao sentido do termo magia, é possível compreender que Sartre vê nessa noção aspectos importantes para a Psicologia e para a Filosofia. A magia significaria essencialmente a conduta passiva que o ser humano adota diante de uma situação difícil ou de impossível solução. Mas, se pensarmos que toda conduta é ação, a fuga, a evitação, a negação seriam ações passivas, termos aparentemente contraditórios. Tal contradição estaria no cerne das condutas estudadas pela Psicologia e, por conseguinte, pela Filosofia, sobretudo se ela pode ser o fundamento de uma Antropologia que embasaria a própria Psicologia. É por essa razão que a *contradição* e a *ambivalência* ganham importância em *O Ser e o Nada*.

Retomando a crítica de Goldstein ao pensamento de Sartre, é possível afirmar que a magia não é a negação da teoria do psiquiatra alemão. Ela é o outro nome para a conduta menos adaptada. Neurose e fuga para o mundo mágico seriam acontecimentos vividos por pessoas que decidiram trilhar caminhos menos penosos ou perigosos situados em uma vida repleta de exigências e desafios.

Se o homem é essencialmente um *conquistador*, um ser que projeta seu ser dominando outros seres que o circundam. Projeto eternizado em figuras como Don Juan, Casanova, Dom Quixote e tantos outros. Por mais díspares e desconexas que sejam esses personagens, tais projetos existenciais representam, em diversos campos da vida humana, a intenção fundamental de desafiar o inesperado e tomar posse de outro ser aparentemente indomável.

Para alguns seres humanos, entretanto, essa conquista transforma-se em uma história



de derrotas e fracassos. Para evitar sucessivas batalhas inglórias tais pessoas trilhariam caminhos como a alienação de si, a solidão ou a negação da realidade, criando ou refugiando-se em um mundo que somente eles podem reinar sem serem acusados de fracos, covardes ou inúteis. Enfim, a emoção, para Sartre, situa-se no plano da consciência pré-reflexiva que direciona-se para a solução de problemas no mundo ambiente degradando-se, transformando-se em um ser passivo, alienando sua liberdade essencial.

Conclusão

Ao final de nosso ensaio, que buscou resgatar alguns aspectos da teoria das emoções em Sartre e Goldstein, é possível afirmar que um primeiro aspecto relevante é a constatação de que o *Esboço de uma teoria das emoções* foi considerado por Goldstein uma das primeiras abordagens sobre o tema que não o classificou como uma simples manifestação orgânica sem importância ou o aspecto irracional da atividade mental. Ao contrário, a emoção foi alçada ao patamar de conduta consciente de busca de um equilíbrio possível para um ser humano atormentado por vivências catastróficas. O segundo aspecto é que essa conduta abriu as portas para a possibilidade de criação de mundos alternativos, imaginários ou menos adaptados, mas ainda assim, de uma conduta de solução possível de um problema existencial significativo e desafiador. Ficou explícita a oposição entre os dois pensadores relativamente ao problema do estatuto da conduta mágica. Tal oposição, contudo, pode ser relativizada se a passividade surge como uma qualificação importante para a compreensão da emoção nas duas teorias.

Referências Bibliográficas

- BERGSON, H. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Tradução de João da Silva Gama. Lisboa: Edições 70, 1988.
- _____. *A Evolução Criadora*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005.
- FREUD, S. *As Pulsões e seus destinos*. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- GOLDSTEIN, K. *Selected Papers*. Hague: Martinus Nijhoff, 1971.
- HEIDEGGER, M. *Que é metafísica?* Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1969.
- HUSSERL, Edmund. *Recherches Logiques*. Traduzido por Hubert Elie, Arion L. Kelkel e René Schérer. Paris: P. U. F., 1961.
- _____. *Idées directrices pour une phénoménologie*. Tradução de Paul Ricoeur. Paris: Gallimard, 1989.
- _____. *Méditations Cartésiennes*. Versão francesa de Gabrielle Peiffer e Emmanuel Levinas. Paris: Vrin, 1966.
- KIERKEGAARD, S. *O Conceito de angústia*. Tradução de Álvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes, 1991.
- LEWIN, K. *Principles of Topological Psychology*. Tradução de Fritz Heider. New York: McGraw-Hill Book Company. 1936.

Goldstein e Sartre: considerações acerca das emoções

SARTRE, J.-P. *Critique de la raison dialectique*. Paris, Gallimard, 1960.

_____. *Esquisse d'une théorie des émotions*. Paris: Hermann, 1965.

_____. *La Transcendance de l'ego*. Paris: Vrin, 1978.

_____. *L'Existentialisme est un humanisme*. Paris: Nagel, 1946.

_____. *L'Être et le Néant*. Paris: Gallimard, 1943.

_____. *L'Idiot de la famille, Gustave Flaubert de 1821 até 1857*. Paris: Gallimard, 1971.

_____. *L'Imaginaire*. Paris: Gallimard, 1940.

_____. *L'Imagination*. Paris: Presses Universitaires, 1936.